

NOVAS NARRATIVAS DO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DO MOVIMENTO *SLOW*

Anna Elizabeth Balocco*

Resumo: Neste projeto, analisa-se criticamente o discurso do movimento slow nas novas narrativas do contemporâneo presentes na mídia impressa e eletrônica, com o respaldo teórico da *Análise Crítica do Discurso*. Para tanto, constitui-se um arquivo de textos de diferentes registros simbólicos e foram investigadas as matrizes de sentido que informam este discurso e as condições de possibilidade para a sua emergência. O foco da análise recai sobre as relações interdiscursivas entre os textos do arquivo, identificadas mediante investigação de suas relações lexicais. Os resultados da pesquisa sugerem que as matrizes de sentido mais importantes no arquivo desta pesquisa são fornecidas por: a) um discurso crítico às tecnologias digitais; e b) um discurso crítico aos valores da cultura do desempenho e da produtividade. O discurso do movimento slow articulado no arquivo, em seus diferentes textos, é produzido de perspectivas diferentes e tem sentidos e valores sociais distintos.

Palavras-chave: Discurso. Mudança social. Movimento slow. Interdiscursividade.

1 INTRODUÇÃO

A Análise Crítica do Discurso aborda a linguagem e a produção de sentidos da perspectiva da mudança social (FAIRCLOUGH, 2003). Uma das marcas de mudança social na contemporaneidade é o fenômeno da aceleração temporal: todos já experimentamos a sensação de estarmos eternamente atrasados no cumprimento de nossas tarefas do dia a dia, de estarmos sempre correndo atrás do tempo. De onde vem esta sensação de defasagem entre nossas expectativas de tarefas a cumprir, de um lado, e de seu cumprimento efetivo?

As explicações que remetem às novas tarefas digitais na sociedade da comunicação e da visibilidade midiática (administrar nossos e-mails, nossas listas de discussão, nossos Facebooks, Twitters, blogs ou fotologs) são suficientes para o entendimento da forma como nos relacionamos com o tempo na contemporaneidade? Ou a aceleração

* Professora Associada da UERJ. Doutora em Linguística pela UFRJ, 2000. Email: annabalocco@terra.com.br.

temporal pode ser explicada também por uma cultura que nos leva a consumir sempre mais e em intervalos cada vez menores, sendo a pressa assim entendida como um valor da cultura consumista? Há ainda a cultura do sucesso e do desempenho, que nos empurra a realizar cada vez mais, em diferentes áreas da vida social – ela poderia ter uma cota de responsabilidade pela notória sensação de aceleração temporal que experimentamos?

Não somente o tempo se acelera na modernidade, mas também refere-se à aceleração temporal em vários tipos de registros, discursos e suportes discursivos, formando-se assim um sistema de representações tão insistentemente repetido que vai construindo um novo imaginário na modernidade tardia.

Tal é o peso e tais são as implicações deste sistema de representações e deste imaginário, que já se observa uma atitude crítica em relação a isso, na forma de enunciados que buscam sobrepor-se àquele sistema de representações, ou pelo menos dialogar com ele. Há, nos mais variados registros da vida social, críticas à aceleração social, que se constroem em torno de valores como alimentação consciente (*slow food*), compromisso reflexivo e ético na ciência (*slow science*), qualidade nas relações familiares e com amigos (*slow love life*), tempo para o namoro (*slow dating*), compromisso com uma mídia responsável e reflexiva (*slow media*), tempo para o sexo (*slow sex*). Que teias de relações podem ser traçadas entre estes discursos e aqueles característicos da cultura da aceleração, que convivem no mesmo paradigma e que com eles dialogam? E que sentidos, ou valores sociais, são colocados em circulação pelo discurso do movimento *slow*?

Estas são algumas das questões abordadas neste trabalho, em que se buscam as matrizes de sentido que informam o discurso do movimento *slow* e as condições de possibilidade para a sua emergência. Neste artigo, destacam-se apenas dois fragmentos do arquivo de pesquisa, para fins de exploração e ilustração do tema, tratado mais extensamente em outra publicação (BALOCCO, 2012, em preparação). Na seção a seguir, apresentam-se considerações teóricas e metodológicas, que preparam o terreno para a prática analítica.

2 QUADRO TEÓRICO E METODOLOGIA

Para responder às questões que orientam esta pesquisa, elegeram-se os métodos e procedimentos da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), através de categorias analíticas como *discurso*, *ordem do discurso* e *interdiscurso*. No entanto, dada a natureza interdisciplinar da pesquisa em ACD, foi necessário ainda eleger alguns conceitos da sociologia para orientar a análise da mudança social, como aqueles usados na periodização da história (como modernidade e modernidade tardia); o próprio conceito de mudança social; e o de aceleração temporal. Neste texto, apresentam-se apenas as categorias diretamente usadas no desenvolvimento da análise aqui apresentada: na próxima subseção, apresenta-se a revisão teórica dos conceitos da sociologia; nas subseções seguintes, os métodos e procedimentos analíticos no âmbito da ACD.

2.1 A mudança social e o conceito de aceleração temporal

Rosa e Scheuerman (2009, p. 2) argumentam que houve dois períodos de aceleração temporal na história recente. O primeiro deles teve início no século XIX, entre 1880 e 1920, com o advento das máquinas e da industrialização; segundo os autores, para alguns pesquisadores este primeiro período coincide com o advento da modernidade¹. Este período de aceleração temporal foi seguido por um debate público, no âmbito da esfera acadêmica, mediante análise das suas causas e efeitos, desenvolvidas por autores do calibre de Georg Simmel, Henry Adams, Filippo Marinetti (no seu Manifesto Futurista) e John Dewey (p. 7).

O segundo período de aceleração temporal se deu com a queda dos regimes comunistas e a revolução digital no final da década de 80 e início da década de 90 do século XX, o que mais uma vez gerou um debate público sobre a aceleração temporal. Desta vez, o discurso sobre a aceleração temporal passou a articular-se ao debate sobre a globalização, característica da modernidade tardia. Para os autores, o debate hoje em curso sobre a globalização pode ser entendido como “uma tentativa de se atribuir sentido às ramificações da aceleração social” (ROSA; SCHEUERMAN, 2009, p. 7).

¹ Os termos ‘modernidade’ e ‘modernidade tardia’ são definidos adiante.

O que se pode concluir destas observações é que o debate sobre a aceleração temporal ocorre em períodos distintos, é formulado a partir de diferentes perspectivas teóricas, e tem, portanto, valores e sentidos diferentes. Sendo assim, uma pergunta relevante para esta pesquisa é: que valores ou sentidos sociais hoje em circulação articulam-se ao discurso do movimento *slow*, que se fundamenta numa crítica à aceleração temporal?

Outra questão importante diz respeito à forma de circulação de sentidos deste discurso. As posições críticas à aceleração temporal formuladas no interior do discurso acadêmico (em bibliografia especializada na área da Sociologia) equivalem a questionamentos: 1) ao desenvolvimento tecnológico, científico, ou digital levado adiante de forma cega, sem avaliação de suas consequências éticas e políticas; 2) à expansão ilimitada do crescimento econômico e da produtividade, com a consequente precarização das relações de trabalho; 3) à crescente instabilidade das instituições e das associações, que ameaça a democracia: não há tempo suficiente para o debate público de questões de interesse coletivo (JESSOP, 2009, p. 158; SCHEUERMAN, 2009, p. 292).

No caso do chamado movimento *slow*, reproduzem-se os argumentos formulados no interior do discurso acadêmico, ou são-lhes acrescidos outros valores? Que princípios discursivos regulam a circulação de sentidos na modernidade tardia e que efeito têm sobre os valores veiculados pelo movimento *slow*? Estas são algumas das questões a serem analisadas neste trabalho. No entanto, antes de abordá-las, é preciso apresentar uma visão teórica da mudança social e dos conceitos usados na periodização da história.

Os termos ‘modernidade’ e ‘modernidade tardia’, nesta pesquisa, são entendidos a partir de Giddens (1991). Para o cientista social inglês, por modernidade entende-se o período histórico que se inicia na Europa pós-feudal, marcado pelos seguintes traços: o advento da industrialização e a racionalização da vida social a partir de um pensamento científico e tecnológico, naquilo que veio a ser chamado de um ‘paradigma racionalista, ou técnico-industrial’; o declínio de uma ordem social tradicional e a consequente individualização da sociedade, com a substituição de comportamentos prescritos pela tradição pela escolha individual de comportamentos e costumes.

A modernidade tardia, por sua vez, tem início nas últimas décadas do século XX (se é que é possível uma delimitação tão precisa) e recobre um período em que se observa a radicalização do processo de individualização da sociedade: quanto mais nos afastamos da tradição e de noções herdadas, mais abre-se o leque de opções para os indivíduos, que precisam escolher os seus estilos e projetos de vida. Estas escolhas são feitas sob a égide de sistemas peritos², que se espalham pela sociedade, não somente na forma de estudos acadêmicos divulgados pela mídia, mas também na forma de manuais, guias, livros de autoajuda, sessões de aconselhamento terapêutico, entrevistas, pesquisas de opinião. Todos estes elementos contribuem para um dos traços centrais da modernidade tardia, que é a sua reflexividade³.

Em Bajoit (2008, p. 127), encontro elementos para entender a mudança social na modernidade tardia como um processo, não de decadência cultural, que leva à dissolução dos laços sociais e à atomização da sociedade, mas como um processo de formação de uma nova sensibilidade, que emerge dos escombros do paradigma racionalista ou técnico-industrial da primeira modernidade. Embora apresente traços de exacerbação do individualismo, a modernidade tardia traz também indícios de um novo modelo cultural, fundado em valores como a harmonia ou integração entre o homem, a técnica e a natureza; o consumo consciente; os limites éticos colocados à ciência; a valorização do civismo e de formas de participação política localizadas; o respeito pelo outro. Há uma mudança de modelo ou paradigma cultural em curso (uma mudança de sensibilidade, de práticas e formações discursivas) e a análise do tempo aqui proposta busca tanto os sinais da ruína do modelo cultural racionalista e técnico da primeira modernidade, quanto os vestígios da construção de um novo modelo cultural.

² Ou 'sistemas abstratos', para usar um termo de Giddens, adotado para referência aos discursos teóricos e das ciências, que penetram praticamente todas as atividades sociais na modernidade.

³ Este traço será retomado em outros momentos deste trabalho.

2.2 Discurso, texto, ordem do discurso e interdiscurso

De uma perspectiva mais abrangente, o termo *discurso* pode ser usado para referência a uma das dimensões da vida social, intimamente relacionada a outros elementos da vida social. É este o sentido do termo na expressão “Análise do Discurso” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 3), ou seja, análise da linguagem em uso na vida social. Mas o termo pode ser usado de forma concreta para referência a visões de mundo distintas, como na expressão ‘o discurso do movimento *slow*, em que se nomeia uma perspectiva crítica sobre o fenômeno da aceleração temporal na modernidade tardia. Outros exemplos de *discurso* com este sentido seriam: o discurso feminista, o discurso patriarcal, o discurso da ecologia, o discurso racista, dentre diversas outras possibilidades.

Também de uma perspectiva mais abrangente, os *textos* (sendo a concretização da linguagem) são elementos de práticas sociais. Porém, de uma perspectiva linguística, os textos podem ser definidos como unidades semânticas, exibindo traços de coesão e coerência interna e externa: os textos, enquanto unidades de sentido, estabelecem relações de coesão e coerência entre os elementos que os compõem; por outro lado, também estabelecem, externamente, relações de coesão e coerência com outros textos presentes na cultura em que estão localizados.

O exame das relações externas que os textos mantêm entre si não se faz sem a intermediação de categorias conceituais (e analíticas) que organizam estas relações. Uma destas categorias é a da *ordem do discurso*, usada para a classificação de textos com base em critério institucional: assim, certos textos têm semelhança entre si em função dos domínios funcionais em que ocorrem na vida social. Aqui, reconhecem-se ordens do discurso como: a ordem do discurso acadêmico, a do discurso midiático (ou da mídia), a do discurso jurídico, religioso, literário, a ordem do discurso promocional (ou da propaganda), além de vários outros domínios funcionais.

O exame das relações entre textos também é realizado através da investigação da sua heterogeneidade, mediante adoção da categoria de *interdiscurso* ou *interdiscursividade*, que propicia o desvendamento da forma como os textos carregam os valores de determinados discursos. A presença destes valores sociais (ou discursos) nos textos é identificada mediante análise da forma como os textos transformam os conceitos

centrais de certos discursos (ou visões de mundo) em relações semânticas de determinada natureza (FAIRCLOUGH, 2003, p. 128). Assim, por exemplo, os textos do arquivo desta pesquisa transformam os conceitos centrais do discurso *slow* em relações semânticas de oposição entre diferentes temporalidades, na contemporaneidade: os valores presentes no discurso do movimento *slow* enunciam-se a partir de uma perspectiva crítica à aceleração temporal, que marca a modernidade e se estende pela modernidade tardia, como será discutido adiante.

2.3 Critérios na constituição do arquivo de pesquisa

O arquivo da pesquisa é composto de textos publicados na mídia impressa e digital, constituído a partir dos seguintes critérios. Em primeiro lugar, foi adotado um *critério temático*, que orientou a seleção de textos com enunciados remetendo ao recorte da pesquisa, centrado na percepção do tempo na contemporaneidade. Ainda no que diz respeito aos critérios de constituição do arquivo, a coleta foi *temporal*, recobrando um período de coleta inicial de dois meses, depois estendido por mais dois meses, na fase de consolidação do arquivo. Finalmente, registre-se que não foi adotado um *critério genérico* na seleção dos textos, ou seja, foram coletados gêneros discursivos de natureza variada, de diferentes registros simbólicos (editoriais, cartas de leitor, textos publicados em colunas, capas de revista, blogs, anúncios, sites, filmes, livros, ou quaisquer outros), entendendo-se que o objetivo da pesquisa é constituir um arquivo com elementos heterogêneos, reunidos sob a rubrica de sua orientação valorativa ou discursiva.

2.4 Descrição do arquivo

Uma descrição completa do arquivo, com identificação das matérias publicadas em suporte impresso, pode ser encontrada em Balocco (2012, em preparação). Neste artigo, apenas dois textos do arquivo foram analisados (descritos nas seções em que são analisados), por restrições de espaço.

Ainda no que diz respeito aos métodos de coleta de dados e procedimentos analíticos, é preciso acrescentar que a coleta de textos de natureza heterogênea remete ao conceito de *arquivo*, de Foucault, autor cujas ideias sobre a sociedade e poder influenciam fortemente a tradição teórica aqui articulada.

O *arquivo* é um construto metafórico usado para referência a um regime discursivo, ou ao sistema de normas que rege aquilo que pode (e deve) ser dito numa sociedade (FOUCAULT, [1969] 1987, p. 149). O que caracteriza o arquivo é a dispersão de sentidos: os enunciados de um arquivo disseminam-se pelos diferentes registros de uma sociedade, nos suportes discursivos mais variados de produção, consumo e circulação de textos. Assim, por exemplo, o enunciado de que a característica principal do mundo moderno é a aceleração temporal inscreve-se na mídia, nas artes, no discurso médico, na publicidade, na literatura popular e científica, para dar apenas alguns exemplos.

Desnecessário dizer que o *arquivo* é hoje relativizado e entendido, não como um sistema válido para todos os segmentos da sociedade, numa determinada época, mas como um regime discursivo disputado por diferentes atores sociais. É esta noção que permite a investigação da forma como determinado regime discursivo dialoga com posições críticas aos valores sociais que sustenta. No caso do regime discursivo que regula nossa percepção do tempo na atualidade e dos valores que sustenta, observa-se que os enunciados sobre a aceleração temporal interagem com outros que conclamam à desaceleração nos ritmos metabólicos da vida.

O termo ‘arquivo’ pode também ser usado de forma concreta para referência a um conjunto de textos reunidos sob a rubrica de sua orientação valorativa, ou ideológica, como é o caso do conjunto de textos reunidos nesta pesquisa. Neste sentido concreto, a noção de arquivo permite a relativização dos dados coligidos pelo pesquisador, que traz as marcas do lugar de produção da pesquisa. Por exemplo, outro pesquisador voltado para o estudo do discurso do movimento *slow*, produzindo pesquisa a partir de outro recorte teórico, coligiria um arquivo com características distintas, entendendo-se assim que o arquivo não é um dado prévio à pesquisa, mas parte constitutiva dela⁴.

⁴ Para Meyer (2001, p. 16), a pesquisa na ACD desenvolve-se num processo de “feedback contínuo entre análise e coleta de dados”, o que corrobora as afirmações apresentadas sobre a relatividade do arquivo.

2.5 Procedimentos analíticos

Quanto aos procedimentos analíticos, estes são baseados na tradição hermenêutica, que informa o quadro teórico aqui articulado. A hermenêutica é uma tradição analítica voltada para a inferência e produção de relações de sentidos, distinguindo-se assim dos métodos de explicação causal adotados nas ciências naturais. Para o círculo hermenêutico, o sentido de um elemento só pode ser apreendido (ou postulado) a partir da sua relação com o todo de que faz parte (MEYER, 2001, p. 16). Isto significa que um texto, por exemplo, não pode ser entendido fora das suas relações com o contexto em que é produzido.

Neste entendimento, procedeu-se ao levantamento de enunciados sobre aceleração/desaceleração temporal nos textos que compõem o arquivo desta pesquisa. O objetivo deste levantamento é identificar relações entre estes textos, do ponto de vista de sua *interdiscursividade*, ou seja, do ponto de vista da forma como são relacionados em função de determinado *discurso*, ou visão de mundo. A identificação dessas relações interdiscursivas foi feita com base na investigação lexical, com mapeamento dos campos semânticos ativados nos textos⁵ e na caracterização de discursos protagonistas e antagonistas⁶ a partir das relações semânticas de oposição entre a pressa e o tempo lento do movimento *slow*.

Nas seções a seguir, são introduzidos fragmentos do arquivo de pesquisa e a prática analítica a partir da qual serão feitas considerações preliminares sobre o discurso do movimento *slow* na contemporaneidade.

3 O MOVIMENTO “SLOW SCIENCE”

Do arquivo desta pesquisa, foram destacados dois textos divulgados na mídia digital, para ilustração da prática analítica. Em primeiro lugar, aborda-se analiticamente o texto intitulado “Slow Science Manifesto”, acessado em 10/julho/2011, e postado pela Slow Science Academy, de Berlin, conforme Anexo 1.

⁵ No quadro teórico (Linguística sistêmico-funcional) que informa a análise textual no âmbito da ACD, entende-se que as relações discursivas realizam-se como relações semânticas, que por sua vez são instanciadas como relações lexicais, colocando em funcionamento o princípio da realização que estrutura os diferentes estratos da linguagem (HALLIDAY, 1994).

⁶ Para os conceitos de discursos ‘antagonista’ e ‘protagonista’, veja-se Fairclough (2003, p. 126).

Esse manifesto é assinado por cientistas alemães, que se responsabilizam por um movimento que começou na Alemanha e parece ganhar adeptos no mundo acadêmico (Folha de São Paulo, matéria sobre o Slow Science Movement, 08/08/2011). O neurocientista Jonas Obleser, do Instituto Max Planck, declarou à Folha de São Paulo que o movimento que lidera é uma iniciativa “[...] de neurocientistas que luta[m] para que o modelo midiático de produção científica seja revisto”.

Para responder à primeira questão de pesquisa, sobre as matrizes de sentido que informam o discurso *slow* em diversos domínios da vida social, foram adotados procedimentos para a caracterização dos campos semânticos que constituem o texto e das relações semânticas articuladas entre eles. A identificação de campos semânticos é um procedimento simples, que se desenvolve a partir da consideração do léxico nele ativado.

Observa-se a ocorrência de dois campos semânticos no texto em consideração: o do fazer científico e o do mundo digital. No primeiro deles, observa-se referência à ordem do discurso propriamente dita (o fazer científico na academia), instanciado oito vezes através do termo “science”, uma vez através do termo “accelerated science”, uma vez através do termo “science blog”, seis vezes através do termo “slow science”, uma vez através do termo “natural sciences”, uma vez através do termo “academy”; e, finalmente, uma vez através do termo “humanities”.

Observa-se ainda referência a práticas discursivas características deste domínio discursivo, através dos termos “peer-review journal publications”, “research”, além de referência a traços que o caracterizam, como “specialization” e “disciplines”, todos instanciados apenas uma vez no texto.

No que diz respeito aos sujeitos que desempenham estas práticas discursivas, há ocorrência do termo “scientists” (instanciado duas vezes apenas), mas referenciado anaforicamente quinze vezes através do pronome “we”, além de três vezes através do pronome “us” e duas vezes através do pronome “our”.

Outro campo semântico articulado no texto é o da mídia digital, através dos termos “blog” (instanciado uma vez isoladamente e uma vez no sintagma nominal “science blog”) e “twitter”, usados em oposição

aos termos que caracterizam o fazer científico: “we don’t blog, we don’t twitter”, “we take our time”, “we think”, “we digest”.

Embora haja a articulação de dois campos semânticos distintos neste texto (a prática científica e prática midiática digital), observa-se a predominância do léxico relacionado à primeira, que estrutura o texto e sustenta a sua direção argumentativa. A caracterização do modo de funcionamento do fazer científico nas academias em oposição ao modo de funcionamento das práticas discursivas no mundo digital (“We don’t blog. We don’t twitter”) fornece ao leitor pistas para a identificação de sua valoração ou posicionamento discursivo: trata-se de um texto que instancia um discurso crítico à aceleração temporal.

Há várias outras pistas para a identificação das matrizes de sentido que informam este texto: o próprio conceito de tempo é instanciado inúmeras vezes no texto, sob diferentes formas e segundo duas valorações distintas, que emergem da relação de oposição entre os campos semânticos. Na primeira delas, associada aos valores da prática científica caracterizada como “slow science”: “We take our time”, “Science needs time to think”, “Science needs time to read”, “time to fail”, “it creeps about on a very slow time scale”, além de várias outras. Na segunda ordem de valoração, o conceito de tempo associa-se aos valores da cultura midiática (“We don’t blog, we don’t twitter”); aos valores da cultura empresarial, ou do discurso do trabalho (“media and PR necessities”); aos valores da cultura da ciência aplicada à saúde e com vistas à prosperidade de uma nação (“research feeding back into health care and future prosperity”).

Neste texto, o discurso *slow* manifesta-se como uma crítica ao fazer científico na contemporaneidade, que parece adotar os valores da cultura digital, uma cultura de tempo ágil, acelerada, marcada pelo fluxo ininterrupto da informação. O termo “science blog” é apenas um exemplo da forma como a cultura midiática infiltra-se pela academia, com suas práticas discursivas e seus valores: tanto isto é verdadeiro que o gênero “blog”, de uso circunscrito à ordem do discurso midiático, aparece nesta expressão com seu uso ampliado (o gênero “blog” passa a ser usado na ordem do discurso acadêmico: “science blog”).

Outro índice da posição discursiva adotada no texto pode ser encontrado no enunciado a seguir: “We do need time to misunderstand

each other, especially when fostering lost dialogue between humanities and natural sciences”. Observa-se que o enunciado constrói uma relação de oposição entre os valores de um discurso disciplinar⁷ (o das “humanities”) àqueles do discurso das ciências naturais (“natural sciences”). Embora este enunciado tenha posição secundária no texto, em relação aos valores da cultura digital, ele sustenta criticamente o discurso do Slow Science Movement: no interior do discurso acadêmico, é amplamente reconhecido (embora nem sempre aceito) o papel das humanidades no encaminhamento de questões éticas sobre o desenvolvimento científico nas áreas da saúde, da medicina e das tecnologias. Em geral, estas questões dizem respeito à necessidade de um tempo ampliado para a avaliação dos efeitos e do alcance das novas descobertas.

Neste ponto, seria possível argumentar que a cultura midiática prevê as condições de possibilidade para a emergência do discurso *slow*: a julgar pela forma como a ordem do discurso midiático (especialmente o digital) é articulada no texto, o discurso da desaceleração temporal reclamado pelo Movimento Slow Science tem como principal alvo o ritmo acelerado do fazer científico, impulsionado por demandas que emergem dos valores da cultura digital. No entanto, esta interpretação deve ser adiada, para que seja possível retomá-la a partir dos resultados da análise do discurso do movimento *slow* em outras áreas da vida social.

Assim, na seção a seguir, para efeito de contraste com os resultados da análise deste texto, introduz-se o texto de apresentação do blog “Slow love life”.

4 O BLOG “SLOW LOVE LIFE”

O blog “Slow love life” (Anexo 2) é mantido por Dominique Browning, uma jornalista que trabalha por conta própria, depois de vários anos ligada a diferentes instituições. No seu blog, a jornalista defende um ritmo de vida desacelerado, com tempo para realizar as atividades do dia a dia de forma mais atenta, dando atenção aos seus pequenos detalhes (primeira parte do texto, intitulada “Welcome”).

⁷ O termo ‘discurso disciplinar’ é usado para referência não somente à divisão entre áreas do conhecimento no mundo acadêmico, mas principalmente para referência às culturas, valores e códigos distintos que orientam o fazer científico na academia.

A seguir, no texto “What is slow love? Sprigs on your desk”, postado em 15 de setembro de 2011, observa-se a ocorrência de dois campos semânticos: o das atividades do dia a dia, de um lado, e o do mundo do trabalho, de outro. No primeiro, a ordem do discurso mobilizada no blog é a das relações interpessoais próximas, fora de ambientes institucionais. É neste domínio discursivo, em que o indivíduo se relaciona com o mundo de forma sensível e solidária (“Slow love means engaging with the world in a considered⁸, compassionate way”), e em que a atividade central é a “apreciação” da beleza de cada momento (“appreciating the miraculous beauty of everyday moments”), que se articulam os valores positivos que caracterizam a posição discursiva da jornalista. São eles: “a natureza interdependente da vida” (“celebrating the interconnected nature of life”), “a beleza milagrosa dos momentos diários” (“the miraculous beauty of everyday moments”), uma rotina atenta (“the practice of daily mindfulness”), os focos de beleza [em torno de nós] (“give ourselves a spot of beauty”).

No segundo campo semântico, tematiza-se o mundo do trabalho, que se encontra em relação de oposição ao primeiro, através da valoração negativa de seus termos: “cubículos escuros” (“Many of us spend hours in front of computers, or work in drab cubicles”); “escritórios feios” (“in ugly offices”).

Permanecendo no blog, observa-se a ocorrência do texto intitulado “Where to find me”, que traz vários elementos da ordem do discurso promocional: há ocorrência de formas verbais no imperativo, que caracterizam os textos nessa ordem do discurso, cujo propósito é orientar a ação do leitor, levando-o eventualmente a consumir. No caso do texto em discussão, o produto a ser consumido pode ser um website (“visit my website”), ou uma biografia (“find my biography”). Mas o texto anterior também contém elementos do discurso promocional, como na referência ao “vaso de Frances Palmer” e no convite a ler a revista *Connecticut Cottages and Gardens*, que inclui um texto de Palmer mostrando o seu trabalho em terracota.

Há ainda referência ao trabalho de um fotógrafo, Sandi Fifield, e a um livro seu a ser lançado, *Between Planting and Picking*, além de menção

⁸ Na verdade, a forma correta aqui, em inglês, seria “considerate” e não “considered”, como está grafado pela autora do blog.

ao fato de que o livro do fotógrafo contém um texto seu, da gerente do blog *Slow love life*.

Para finalizar, há no blog dois campos semânticos em oposição: o das atividades do dia a dia e o do mundo do trabalho. Observa-se ainda, em relação à heterogeneidade constitutiva do texto, que o blog articula os discursos midiático e o promocional. Se no caso do blog anterior o propósito do texto examinado é claramente indicado pelo seu título: “*The Slow Science Manifesto*”, ou seja, o de divulgar um manifesto (entendido como uma carta de princípios do movimento *Slow Science*), no caso deste blog a identificação do seu propósito comunicativo central é mais complexa. Trata-se de um site de vendas apenas? Ou é possível considerar este blog como um dispositivo de vendas sofisticado, em que alguns produtos concretos são anunciados (o vaso de Frances Palmer, a revista de decoração e jardinagem, o livro de fotografia), mas em que se “vende” também um estilo de vida?

Na seção a seguir, retomam-se estas considerações, relacionando-as às duas questões de pesquisa: quais as matrizes de sentido que informam o discurso do movimento “slow”? E quais são as condições de possibilidade para a sua emergência?

5 CONCLUSÕES

O manifesto do *Slow Science* e o blog *Slow love life* mantêm entre si relações de interdiscursividade, que se revelam imediatamente nos seus títulos (“*slow science*”, “*slow life*”): ambos instanciam um discurso crítico ao fenômeno da aceleração temporal, observado em várias áreas da vida social (na academia e no fazer científico, no mundo do trabalho, na mídia, nas rotinas do dia a dia). A matriz de sentido mais importante nestes textos é, assim, fornecida pelas críticas à aceleração temporal.

No entanto, o manifesto e o blog falam de tempos diferentes e remetem a conceitos distintos de aceleração temporal. De que aceleração temporal se fala nestes textos? No manifesto, a aceleração resulta do progresso tecnológico-digital e de um fazer científico guiado pela busca de resultados rápidos: o movimento *Slow Science* pretende resgatar os valores de uma temporalidade lenta e autorreflexiva (“*a very slow time*”).

scale”) para a ciência, ameaçada pelo ritmo acelerado da cultura digital e por demandas de produtividade. Constrói-se, no manifesto que instancia o discurso do *slow*, uma relação polarizada entre o tempo da ciência, de um lado, e o da cultura digital e da cultura do trabalho, de outro.

Já no blog, a aceleração temporal tematizada é a dos ritmos de vida, que resulta numa percepção de tempo experiencial marcado pela compressão das atividades e experiências do dia a dia (ROSA, 2009, p. 85): atividades como comer, dormir, interagir com a família, passear, parecem perder espaço hoje para as atividades produtivas (“our busy, productive days”, no blog). O blog constrói uma relação polarizada entre o tempo experiencial e o tempo do trabalho: este último invade o tempo da família e dos amigos.

É, portanto, a mesma matriz de sentido, mas os discursos articulados são distintos: têm perspectivas e valores diferentes. Num, o discurso *slow* tem como alvo principal, ou discurso antagonista, os valores da cultura digital (embora também tematize, numa posição de antagonista, os valores da produtividade); noutro, o discurso antagonista funda-se nos valores da cultura do trabalho e da produtividade.

Assim, o exame preliminar do arquivo desta pesquisa sugere que o discurso *slow* articula-se a sentidos advindos de várias áreas distintas, das quais duas são apontadas neste trabalho: no âmbito da hegemonia da cultura digital, com seu ritmo acelerado (conforme análise do manifesto); e no que diz respeito ao tempo existencial, ou metabólico, que sugere que os valores do mundo do trabalho (“produtividade”) infiltram-se no mundo da família e dos afetos, provocando uma aceleração dos ritmos da vida.

Antes de serem apresentadas generalizações sobre o funcionamento e o modo de circulação de sentidos do discurso do movimento *slow*, é necessário um exame exaustivo dos textos que compõem o arquivo da pesquisa. No entanto, é possível instigar a discussão sobre o papel e os efeitos deste discurso, colocando-se a seguinte questão: qual o alcance e a efetividade de um discurso que tem como característica principal o aglutinar-se a valores sociais os mais diversos, em diferentes lugares de fala e em diferentes registros simbólicos?

E, finalmente, é possível responder provisoriamente à questão das condições de possibilidade para esse discurso, encaminhando-se as seguintes considerações para posterior escrutínio. O discurso expresso nos textos do movimento *slow* parece refletir e construir uma nova sensibilidade, que se traduz numa atitude crítica aos valores da modernidade e ao seu paradigma técnico-industrial. Essa nova sensibilidade não pode ser entendida apenas como uma crise passageira daquele paradigma, mas como o embrião de um novo sistema de sentido (BAJOIT, 2008, p. 127), que encontra no conceito de *slow* uma superfície discursiva para agregar novos valores sociais, como a demanda de uma reflexão ética sobre os limites do fazer científico, para dar um exemplo apenas, do arquivo da pesquisa.

No entanto, estas posições críticas aos valores da modernidade são por vezes apropriadas de forma superficial em várias áreas (como no Movimento Slow Sex, ou mesmo no blog Slow Love Life aqui apresentado), perdendo assim a sua força motriz. Fica, portanto, a pergunta a ser respondida pela pesquisa: o princípio discursivo que regula a circulação de sentidos acionada pelo movimento *slow*, em seus diferentes matizes, seria aquele da comodificação da linguagem operando na modernidade tardia (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 15), que tende a transformar os discursos críticos em produtos vendáveis (*commodities*), distanciando-os de sua matriz ético-político-ideológica? Uma espécie de tendência a transformar tudo em mais um discurso *new age*, entendido como uma fala desencaixada, válida para todos e para qualquer um, sem um mínimo de história e narrativa compartilhadas?

Neste caso, o funcionamento discursivo do *slow* deveria ser entendido como regulado pela lógica que critica: ou seja, o discurso do *slow* critica muitos dos efeitos possivelmente causados pelos valores de uma cultura da produtividade e uma cultura digital (aceleração dos ritmos de vida, aceleração cultural, aceleração da produção e do consumo), mas é, ele próprio, um produto destes males. Desta perspectiva, o movimento *slow* e seu discurso não é somente um diagnóstico da modernidade tardia, mas, também, um produto dela, ou uma de suas mercadorias.

No entanto, aqueles que adotam uma atitude crítica aos valores da modernidade, radicalizados ou levados ao extremo na modernidade tardia, encontram no discurso do movimento *slow* uma superfície

discursiva para inscrever o seu desejo de mudanças. O seu desafio é o de escapar à lógica do sistema que criticam.

Não há dúvida, no entanto, de que a nova linguagem do tempo, flagrada no discurso do *slow*, é uma porta de entrada para o estudo das rearticulações discursivas promovidas pelo profundo desejo de mudanças que circula na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BAJOIT, G. *El cambio social: análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas*. Tradução de Hernán Pozo. Madrid: Siglo, 2008. [ed. original francês Armand Colin, 2003].

BALOCCO, A. E. *Os sentidos do tempo: análise crítica de um arquivo do contemporâneo*. Rio de Janeiro, 2012, em preparação.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

_____; CHOULIARAKI, L. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. [ed. original francesa 1969]

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991. [ed. original inglesa Polity Press, 1990]

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar: second edition*. London: Arnold, 1994.

JESSOP, B. The spatiotemporal dynamics of globalizing capital and their impact on state power and democracy. In: ROSA, H.; SCHEUERMAN, W. E. (Orgs.). *High speed society: social acceleration, power and modernity*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2009.

MEYER, M. Between theory, method and politics: positioning of the approaches to Critical Discourse Analysis. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, 2001. p. 14-31.

ROSA, H.; SCHEUERMAN, W. E. (Orgs.). *High speed society: social acceleration, power and modernity*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2009.

ROSA, H. Social acceleration: ethical and political consequences of a desynchronized high-speed society. In: ROSA, H.; SCHEUERMAN, W. E. (Orgs.). *High speed society: social acceleration, power and modernity*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2009.

SCHEUERMAN, W. E. Citizenship and speed. In: ROSA, H.; SCHEUERMAN, W. E. (Orgs.). *High speed society: social acceleration, power and modernity*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2009.

ANEXOS

Anexo 1: MOVIMENTO SLOW SCIENCE

THE SLOW SCIENCE MANIFESTO

We are scientists. We don't blog. We don't twitter. We take our time.

Don't get us wrong—we do say yes to the accelerated science of the early 21st century. We say yes to the constant flow of peer-review journal publications and their impact; we say yes to science blogs and media & PR necessities; we say yes to increasing specialization and diversification in all disciplines. We also say yes to research feeding back into health care and future prosperity. All of us are in this game, too.

However, we maintain that this cannot be all. Science needs time to think. Science needs time to read, and time to fail. Science does not always know what it might be at right now. Science develops unsteadily, with jerky moves and unpredictable leaps forward—at the same time, however, it creeps about on a very slow time scale, for which there must be room and to which justice must be done.

Slow science was pretty much the only science conceivable for hundreds of years; today, we argue, it deserves revival and needs protection. Society should give scientists the time they need, but more importantly, scientists must take their time.

We do need time to think. We do need time to digest. We do need time to misunderstand each other, especially when fostering lost dialogue between humanities and natural sciences. We cannot

continuously tell you what our science means; what it will be good for; because we simply don't know yet. Science needs time.

—Bear with us, while we think.

<http://slow-science.org/>

Anexo 2: Blog SLOW LOVE LIFE

slow love life



A CONVERSATION WITH DOMINIQUE BROWNING

WELCOME

SLOW LOVE means engaging with the world in a considered, compassionate way, appreciating the miraculous beauty of everyday moments, and celebrating the interconnected nature of life. SLOW LOVE LIFE is a place to share ways to practice daily mindfulness in the midst of our busy, productive days.

WHAT IS SLOW LOVE? SPRIGS ON YOUR DESK

Many of us spend hours in front of computers, or work in drab cubicles in ugly offices. It seems a small treat to give ourselves a spot of beauty, one that we must tend to. Even a vase of flowers needs the attention of a gardener--fresh water daily, a clean vessel, a neatly cut stem.

We can let the computer go to sleep, in the middle of our workday, and, for a few moments, let the flowers, however tiny, refresh our own brains. When I worked at Conde Nast, fresh flowers were delivered to the offices every week. I got a gorgeous, vibrant bouquet on my desk, courtesy of the admirable ZeZe's wizardry. (The company provided flowers for all its magazine reception areas and editors' offices. Yes, we were coddled.) But there were times when their presence would quietly

fade into the background; I stopped seeing them, appreciating them.

Working to create your own bouquets makes a difference--and the surprise arrival of a gorgeous arrangement still take my breath away. I cannot take bouquets for granted, however tiny. I always keep one next to the kitchen sink, and on my desk there is usually at least one sprig or stalk (I love the complex architecture of bear's breeches, for instance, and the leaf of *Acanthus mollis* is even more dramatic). And in a vase by Frances Palmer--even better! Speaking of, please check out the story, PDF on her site, about her amazing garden in the beautiful Connecticut Cottages and Gardens magazine--and her new terra cotta work for an upcoming show with photographer Sandi Fifield. I wrote a piece for Sandi's new book, *Between Planting and Picking*.



But back to your bouquets...Buy flowers at the deli on the way to work. Gather them from fields, empty lots, your garden. Even farmer's markets yield leaves that, rather than eat--or before they hit your plate--might spend time in a vase. Make a drawing a flower, or have your child do it for you--a new one every couple of weeks. Or stop at the market and buy a sprig of rosemary or lavender for your vase. And make sure the vase pleases your eye.

Every once in a while, stop what you are doing, and gaze into green depths. And wonder at the evolution that led to the crinkled edge of a leaf.

Email This Blog This ! Share to Twitter Share to Facebook

LABELS: SLOW LOVE MOMENT

11 COMMENTS POSTED BY DOMINIQUE AT 7:00 AM

where to find me

In addition to this blog, please visit my website to read House & Garden column archives. You can read my monthly column, Personal Nature, at the Environmental Defense Fund website.

Slow Love is excerpted in The New York Times Sunday Magazine, and in Good Housekeeping, June issue.

Find my biography.

<<http://www.slowlovelife.com/2011/09/what-is-slow-love-sprigs-on-your-desk.html>>

Recebido em: 24/10/11. Aprovado em: 27/05/12.

Title: Contemporary narratives in the media: a critical analysis of the slow movement discourse

Author: Anna Elizabeth Balocco

Abstract: This research project carries out a critical investigation of the slow movement discourse that is present in the press and electronic media, while drawing on the theoretical principles of Critical Discourse Analysis, which is primarily concerned with the role of language and discourse in processes of social change. To this end, an archive of texts from different symbolic registers was compiled (blogs, advertisements, books, texts published in the press and posted online) with a view to investigating the social values underlying this discourse, as well as the conditions of possibility for its emergence. The analysis focuses on interdiscursive relations in the archive, identified on the basis of an investigation of lexical relations in its texts. The results suggest that the archive features: a) a critical discourse on the new social media; and b) a critical discourse of the culture of performance and productivity. The slow movement discourse articulated in these texts is produced from different perspectives and has distinct values and social meanings.

Keywords: Discourse. Social change. Slow movement. Interdiscursivity.

Título: Nuevas narrativas del contemporáneo: un análisis crítico del discurso del movimiento slow

Autor: Anna Elizabeth Balocco

Resumen: En este proyecto, se analiza críticamente el discurso del movimiento slow en las nuevas narrativas del contemporáneo presentes en los medios de prensa y electrónica, con el respaldo teórico del Análisis Crítico del Discurso. Para tanto, se constituye un archivo de textos de diferentes registros simbólicos y fueron investigadas las matrices de sentido que informan este discurso y las condiciones de posibilidad para su emergencia. El foco del análisis recae sobre las relaciones interdiscursivas entre los textos del archivo, identificadas mediante investigación de sus relaciones lexicales. Los resultados de la investigación sugieren que las matrices de sentido más importantes en el archivo de esta pesquisa son suministradas por: a) un discurso crítico a las tecnologías digitales; y b) un discurso crítico a los valores de la cultura del desempeño y de la productividad. El discurso del movimiento slow articulado en el archivo, en sus diferentes textos, es producido de perspectivas diferentes y tiene sentidos y valores sociales distintos.

Palabras-clave: Discurso. Cambio social. Movimiento slow. Interdiscursividad.